

Vazamento de informações precipitou mudanças

Plano para uma desvalorização gradual foi apresentado em dezembro e Franco sairia quando transição estivesse completa

Maria Luiza Abbott e Leandra Peres

• BRASÍLIA. A desvalorização do real teve uma história repleta de reuniões, atropelos, equívocos e por isso acabou sendo precipitada. Até mesmo quem defendia a medida criticou o momento escolhido pelo Governo. O risco desse tipo de alteração sempre é grande, mas fica maior quando as desconfianças em relação à economia estão exacerbadas, como foi o caso.

A equipe econômica sabia disso e não pretendia ter mudado a política cambial na quarta-feira, mas foi forçada porque na segun-

da-feira vazou para o mercado a informação de que o regime cambial iria mudar. Segundo fontes do Governo, esta foi a explicação para a saída de US\$ 1 bilhão na véspera da desvalorização.

Mudança ocorreria após aprovação do ajuste fiscal

Foi na sexta-feira, 8 de janeiro, que o presidente Fernando Henrique Cardoso decidiu a mudança. Pelo telefone, comunicou ao então presidente do Banco Central, Gustavo Franco, que a política cambial seria alterada e que preferia que o então diretor de Política Monetária, Francisco Lopes,

comandasse a operação. Apesar de saber da mudança e não concordar, Gustavo Franco tinha combinado ficar no cargo até a implantação do novo regime, marcado apenas para quando o ajuste fiscal estivesse totalmente aprovado pelo Congresso.

A preparação do processo de transição de um regime para o outro, no entanto, exigia o envolvimento de outras pessoas, além da cúpula que tinha desenhado o plano inicial. Por isso, a notícia foi repassada para outras pessoas dentro do Banco Central. O Governo tem certeza de que, nessa operação, as informações va-

zaram para o mercado, o que obrigou a antecipação do início da mudança.

Na sexta-feira o mercado já sabia, por exemplo, que o presidente do BC estava determinado a deixar o cargo e que Francisco Lopes estaria no comando. Alguns bancos chegaram a alterar suas carteiras por causa da informação. Com isso, a conversa definitiva entre o ministro Malan e Gustavo Franco aconteceu terça-feira de manhã, quando foi comunicado que a desvalorização seria feita no dia seguinte.

A história da guinada na política econômica começou ainda em

setembro de 1998, quando o real sofreu um ataque especulativo por causa da moratória russa.

Lopes foi convencido pelos irmãos Mendonça de Barros

À época, o então ministro das Comunicações, Luiz Carlos Mendonça de Barros, e seu irmão José Roberto defenderam alterações no câmbio para permitir o crescimento. A proposta não vingou, prevalecendo a alternativa do aumento nos juros, como queria o então diretor Política Monetária, Francisco Lopes.

Apesar disso, Lopes começou a preparar uma proposta alternati-

va para a política cambial. Nos debates com os irmãos Mendonça de Barros, ele se convenceu de que o regime tinha de mudar. Em dezembro, o desenho da nova banda cambial já estava pronto.

Numa reunião em que participaram, além da equipe econômica, o presidente Fernando Henrique Cardoso, o ministro-chefe da Casa Civil, Clóvis Carvalho, e o ex-secretário-executivo da Câmara de Comércio Exterior, José Roberto Mendonça de Barros, o modelo com reajuste automático da banda foi apresentado. A medida foi implantada, mas teve vida curta: menos de 48 horas. ■

Moratória decretada por Itamar Franco foi a gota d'água

A diferença dos juros chamou a atenção do Governo, que ainda tentou acalmar os investidores estrangeiros com o pacote tributário no fim do ano para recompor as receitas da CPMF. A divulgação na mídia internacional, entretanto, não foi suficiente para reverter o mau humor que já tomava conta. A moratória decretada pelo governador de Minas Gerais, Itamar Franco, foi a gota d'água e a pressão sobre o câmbio começou a se tornar insuportável. A decisão de desvalorizar o câmbio foi então tomada.

Como o processo de mudança cambial deveria demorar mais, o atropelo do Governo ao longo desta semana ficou claro em situações como a interrupção, por duas vezes em menos de três dias, das férias do presidente Fernando Henrique Cardoso.

O diretor de Fiscalização do Banco Central (BC), Cláudio Mauch, que havia pedido demissão na quinta-feira, acabou a semana como presidente interino do BC. Aliados do Governo no Congresso criticaram duramente a decisão do diretor de anunciar a sua saída do cargo num dia tumultuado no mercado. A decisão irritou também o presidente Fernando Henrique e o diretor acabou reconsiderando a decisão.

O novo presidente do BC, Francisco Lopes, disse na quinta-feira, numa nota divulgada à imprensa, que o BC estava disposto a usar as reservas e a taxa de juros para defender a nova política cambial anunciada na véspera, e que o Governo não adotaria o sistema de câmbio livre. Na manhã seguinte, o BC comunicou aos bancos que não iria intervir no mercado naquele dia e que um novo comunicado sobre a política cambial seria divulgado no início da semana. ■